

Relação das dissertações defendidas na linha de pesquisa “Linguagem, Discurso e Práticas Educativas” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba/SP:

CAMARGO, Giovana Azzi de. *A tensão entre o oral e o escrito na alfabetização de jovens e adultos: um estudo/um olhar*. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Elizabeth dos Santos Braga. Itatiba, SP: Universidade São Francisco, 2006. 115 p.

O trabalho discute como a oralidade é considerada na alfabetização de jovens e adultos, enfocando a relação desta com a escrita. Nesse sentido, nos perguntamos: Como essa relação se constitui em uma sala de aula destinada à alfabetização? Que indícios da tensão entre a escrita e a oralidade podemos depreender da observação das aulas? De que forma o professor considera as falas dos alunos no processo de alfabetização? Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo numa sala de primeira etapa do Programa de Educação de Jovens e Adultos, de uma rede municipal de ensino no interior do estado de São Paulo, mediante a observação das aulas e de entrevistas com as professoras e os alunos, seguindo os princípios teórico-metodológicos da etnografia e da análise microgenética. A pesquisa se pauta nas contribuições de estudiosos que consideram a linguagem como constitutiva do humano (Vigotski, Bakhtin); nas discussões sobre a relação entre oralidade e escrita (Havelock, Ong, Barthes e Marty, Zumthor, Marcuschi), sobre letramento e oralidade como práticas sociais (Marcuschi, Kleiman, Soares, Tfouni, Oliveira); em considerações sobre a presença da oralidade na escola (Belintane, Marcuschi), sobre a importância da palavra no processo educativo (Freire) e da alfabetização como processo discursivo e *significativo* (Vigotski, Smolka). Nossas análises, ancoradas nas elaborações de Vigotski e Bakhtin, bem como de autores que discutem a questão da oralidade em uma sociedade letrada, problematizam a consideração da oralidade no processo de alfabetização em sala de aula. Como é feito o trabalho com o gênero oral? De que forma as falas dos alunos são consideradas? Na reescrita de textos, como a participação dos alunos é incorporada? Tendo isso em vista, enfocamos também a primazia do texto escrito no processo de alfabetização e as concepções de aluno, de analfabeto, de apropriação do conhecimento que norteiam o trabalho do professor.

VICENTE JR., Nelson. *Mundandade e cotidianidade como possibilidades para o ensino da filosofia no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Enid Abreu. Itatiba, SP: Universidade São Francisco, 2006. 85 p.

O trabalho é resultado do estudo e das reflexões a respeito das indagações surgidas a partir de nossa trajetória como professor de filosofia no ensino médio. Deve-se ensinar a filosofia por meio da exegese dos sistemas filosóficos, da história da filosofia ou através dos discursos de opiniões (*doxai*) relativos às situações do cotidiano? Quais estudos, conteúdos, experiências e discussões filosóficas podem possibilitar significados na vida dos alunos adolescentes? São apresentadas inicialmente as considerações sobre a mundandade e a cotidianidade como possibilidades de compreensão da vida e instrumentos significativos para o ensino da filosofia para os alunos adolescentes situados na sociedade do ícone (ou da imagem), sociedade do consumismo, de reificações da condição humana, do pensamento acrítico e de experiências egóicas. Neste sentido, são apresentadas as investigações da antropologia filosófica como proposta para o repensar das situações do ser humano contemporâneo. Neste estudo, alguns conceitos como cotidiano e discursos de opiniões foram sendo desconstruídos, pois eram tidos por nós como impedimentos para o pensar verdadeiramente crítico e filosófico. Levando em consideração o sistema de ensino como reproduzidor de uma cultura escolarizada, fornecendo apenas o acúmulo de pseudoconhecimentos, com um ensino teórico fragmentado e, na maioria das vezes, distante da realidade do aluno, incentivando o modelo social competitivo agressivo, é proposto neste trabalho um novo cenário, bem como novas preocupações temáticas pertinentes para as aulas de filosofia. Propomos que os alunos adolescentes apresentem indagações e que elas sejam pensadas e mesmo construídas a partir das contribuições do pensamento filosófico. E que este cenário possa transpor a sala de aula, o pátio escolar, os muros da escola, abrangendo, assim, a comunidade. Que seja possível atualizar as discussões pela *philia* em novas ágoras.

TRAVA, Sandra Memari. *O processo de mudança do sujeito-professor no trabalho com práticas de leitura na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Elizabeth dos Santos Braga. Itatiba, SP: Universidade São Francisco, 2006. 122p.

O estudo discute a questão das práticas de leitura no contexto escolar, enfocando o trabalho da professora de língua portuguesa e leitura, a partir dos seguintes questionamentos: É possível “ensinar” leitura na escola? Quais as condições de trabalho com a leitura? Como ser esse professor de leitura? Como analisar a própria prática? O foco da pesquisa volta-se para a análise do processo de mudança do sujeito/professor no trabalho com práticas de leitura na escola, tendo a professora-pesquisadora como sujeito da pesquisa. O trabalho foi fundamentado na perspectiva histórico-cultural, nas elaborações de autores como Vigotski, Luria, Smolka e Góes, considerando que o desenvolvimento se dá a partir das relações que se estabelecem na e pela linguagem em processos de *mediação e internalização*, ou apropriação pelo sujeito do que antes se manifesta na interação. Baseamo-nos, também, em elaborações a partir do princípio dialógico, que enfatiza as relações que ocorrem nos discursos, nos textos, perpassadas por diversas vozes sociais (Bakhtin, Barros, Faraco). Além disso, contribuíram para o trabalho estudos sobre a atividade de leitura como forma de linguagem, como prática social (Kleiman, Soares), de natureza relacional, discursiva, dialógica, que se estabelece na dinâmica das relações humanas (Smolka, Góes, Nogueira), em processos gerados por e que fazem emergir narrativas (Larrosa, Braga). O trabalho empírico desenvolveu-se em uma escola da rede pública de ensino, situada em São José dos Campos (SP), envolvendo o trabalho em oficinas de leitura, no ano de 2004, com uma turma de quarta série do ensino fundamental, e no ano de 2005, com alunos da quinta série. A metodologia da pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, do tipo etnográfico (Ludke e André), nos princípios teórico-metodológicos traçados por Vigotski (Vigotski, Góes), na perspectiva de investigação de relatos de experiências (Connelly e Clandinin) e em contribuições dos estudos da pesquisa-ação e sobre o professor-pesquisador (Dickel, Pereira). Os procedimentos metodológicos consistiram em observação participante, videogravação, questionário, registro no diário de campo e análise dos relatos produzidos pela professora-pesquisadora e de material escrito pelos alunos. Esse material empírico foi considerado no processo de análise, mas o *corpus* principal consistiu nos relatos da professora-pesquisadora em seu diário de campo e alguns trechos dos diários de leitura produzidos pelos alunos da quinta série. Consideramos que este estudo possa contribuir para discussões sobre interação e mediação no âmbito escolar, em torno da leitura como prática social, histórica e discursiva, e para que outros professores se interessem em analisar a própria prática.